



FRAGMENTOS, IMAGENS E IDEOLOGIAS DA SEXUALIDADE GAY: UMA HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE NO OCIDENTE CRISTANIZADO

Nicodemos Felipe de Souza¹

Newton Darwin de Andrade Cabral²

RESUMO: Do ponto de vista da antropologia visual, este artigo apresenta algumas ideologias construídas no “ocidente cristanizado”, fragmentos de uma história da homossexualidade. Por ocidente cristanizado, compreendemos o mundo da fé cristã da Europa (do cristianismo triunfante ao advento do nazismo) e do Brasil (da colônia aos movimentos homossexuais contemporâneos). Algumas imagens registradas na produção de cinco autores que tratam da história da homossexualidade, especialmente, masculina – John Boswell e Jeffrey Richards, na Europa; James Naylor Green, João Silvério Trevisan e Luiz Mott, no Brasil – serão analisadas pelo viés da história e da sociologia, na tentativa de se identificar as ideologias que estão implícitas no contexto e esboçar uma história da homossexualidade.

Palavras-chave: Antropologia visual, homossexualidade, ideologia.

ABSTRACT: From the viewpoint of visual anthropology, this article presents some ideologies constructed in the “christianized west”, constituting fragments of a history of homosexuality. We employ the term “christianized west” to mean the world of christian european faith (from triumphant christianism at the advent of natzism) and of christian Brazil (from colonial times to contemporary homosexual movements). Some images registered in

¹ Mestrando do Programa em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Sociólogo, bacharel e licenciado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; especialista em Direitos Humanos pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Professor da Secretaria de Educação de Pernambuco; coordenador da Comissão de Educação em Direitos Humanos, Cidadania e Diversidade; e do Projeto Observatórios de Educação em Direitos Humanos da Gerência Regional de Educação Metropolitana Norte. E-mail: felipenesa@hotmail.com.

² Licenciado em Filosofia pela UNICAP; mestre e doutor em História do Brasil, pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor da Graduação em História e do Mestrado em Ciências da Religião – UNICAP. E-mail: newton@unicap.br.



the production of five authors who write about the history of homosexuality, specially male – John Boswell and Jeffrey Richards in Europe; James Naylor Green, João Silvério Trevisan and Luiz Mott in Brazil – will be analyzed from the viewpoints of history and sociology in an attempt to identify the ideologies implicit in the text in order to sketch a history of homosexuality.

Key words: Visual anthropology, homosexuality, ideology.

INTRODUÇÃO

A homossexualidade só pode ser efetivamente compreendida a partir do século XIX. No mundo antigo, o mundo das sociedades (grega e romana), essa forma de orientação sexual não perseguia o mesmo sentido tomado a partir daí. Ao escrever este pequeno artigo, objetivamos resgatar alguns fragmentos da história da sexualidade retirados de cinco livros de história e de uma revista eletrônica. Todos eles tratando a sexualidade em sua orientação homossexual. Resolvemos, então, interpretar uma história da homossexualidade, fragmentada porque não teremos condição de tratá-la de forma mais ampla; dadas as condições e necessidades da escrita desse artigo. Por isso, pretendemos socializar essa história numa análise de algumas imagens vinculadas a uma ideologia e registradas na produção de autores que tratam da temática da homossexualidade no ocidente cristanizado.

Esse recorte que escolhemos, ou seja, a análise de documentos imagéticos, não se constitui numa tarefa das mais simples, mas objetivamos alcançá-la a partir da contribuição da antropologia visual. Ao esboçar esse artigo, escolhemos cinco livros e uma revista eletrônica³; nove imagens e algumas ideologias (no sentido utilizado por Marx na “Ideologia Alemã”⁴); a

³ Os cinco livros citados são: “*Cristianismo, Tolerância social e homossexualidade*”, de John Boswell; “*Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*”, de Jeffrey Richards; “*Além do carnaval: a homossexualidade masculina do século XX*”, de James Naylor Green; “*Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*”, de João Silvério Trevisan; e “*Bahia: inquisição e sociedade*”, de Luiz Mott. A revista eletrônica consultada: midiaindependente.org.

⁴ Ideologia como consciência falsa proveniente da divisão entre o trabalho manual e o intelectual; nesse sentido a ideologia geraria a inversão ou camuflagem da realidade para os ideais ou interesses das classes dominantes, cf. Marx & Engels (2000, p.22).



maioria delas homofóbicas⁵; com exceção de apenas duas veiculadas por um autor que defendeu a tolerância do cristianismo para com a homossexualidade e por uma revista eletrônica brasileira que atualmente produz informações alternativas e críticas para construção de uma sociedade livre e igualitária. Queremos lembrar, ainda, que as épocas das ideologias homofóbicas se seguiram à institucionalização do cristianismo como religião oficial do império romano, ou seja, a partir do “cristianismo triunfante” para usar a expressão de Daniel Borrillo (2001) ⁶, do surgimento da cristandade ocidental.

Ao contrário da homofobia cristã, a tolerância e o respeito à orientação homossexual no interior da cristandade está apenas começando. Ela surge no final dos anos 80 do século passado como resultado das lutas e conquistas dos movimentos homossexuais em todo o mundo, inclusive no Brasil. Desde então, essa nova postura ante a homossexualidade, tem sido objeto de estudo por intelectuais das ciências sociais; e das ciências da religião, principalmente, moralistas católicos, alguns deles assumidamente gays⁷, objetivando, dentre outras coisas, promoverem uma revisão da teologia sexual cristã.

DESENVOLVIMENTO

A primeira imagem que escolhemos (imagem 1) ⁸ está inserida no texto “Sexo, desvio e danação”, do historiador Jeffrey Richards (1993). Trata-se de uma imagem homofóbica que

⁵ Cf (Borrillo, 2001, p.36): homofobia é “a hostilidade geral, psicológica e social contra aqueles e aquelas que se imagina que desejam indivíduos de seu próprio sexo ou praticam sexo com eles”.

⁶Cristianismo triunfante é uma expressão utilizada por Daniel Borrillo (2001, p. 18) numa referência à institucionalização do cristianismo como religião oficial do império romano, quando o imperador Constantino, em 313, declarou-se convertido, conforme Dowley (2009, p. 18). Gonzalez (2008, p. 34) nos informa do edito imperial de Constantino, do ano de 324, ordenando que todos os soldados adorassem o Deus supremo dos cristãos no primeiro dia da semana, e da convocação, em 325, por aquele mesmo imperador, da primeira grande assembléia de bispos – o Concílio de Nicéia.

⁷ James Alison é um desses teólogos católicos, assumidamente gay, que tem contribuído com um novo olhar revisionista sobre a homossexualidade no cristianismo. Para Maiores detalhes conferir o texto de Alison (2010).

⁸ Legenda da imagem 1, cf. Richards (1993): Homossexuais destinados ao Inferno, do Inferno, de Dante, Canto XV. Aqui Dante reconhece seu antigo professor Brunetto Latini e outros florentinos condenados por crime de sodomia. (Reproduzido com a amável permissão da Biblioteca Nacional, Florença).



reproduz a ideologia católica do “vício sodomita” ou “pecado nefando”⁹. Sabemos que a imagem por si só, sem um texto escrito, não pode ser objeto da antropologia visual. Por isso, também, precisamos levar em conta o que o autor escreveu sobre a imagem, procurando o que está nas entrelinhas – da legenda utilizada até o relato textual contido na obra. Essa integração entre a linguagem visual (imagem) e a escrita (relato textual) é de grande importância para a apreensão dos significados culturais e valores que a imagem pretende solidificar (ideologia). Por isso, ao articular a imagem e o relato textual do autor, acreditamos que a ideologia emergirá e a nossa interpretação ficará mais completa.

Richards (1993), por exemplo, nos informa que a imagem 1 faz parte do acervo da Biblioteca Nacional de Florença; representando homossexuais destinados ao inferno, ou como ele mesmo se refere, “ao Inferno, de Dante, Canto XV”, numa referência explícita à obra “A Divina Comédia”, de Dante Alighiere. Richards defende a tese de que seis grupos sociais minoritários foram estigmatizados durante o medievo – hereges, bruxos, judeus, homossexuais, prostitutas e leprosos. Um ponto em comum entre eles: o sexo; numa comprovação de que o cristianismo sempre considerou ilícitas quaisquer práticas sexuais fora do matrimônio, logo sem fins procriativos; e isto inclui as relações homossexuais. E ainda, “a homossexualidade na Idade Média se tornou um apêndice inevitável das acusações de heresia e bruxaria... a sodomia estava assim vinculada à bruxaria e ao culto do Diabo” (RICHARDS, 1993, p. 146-147). Está claro nessa primeira imagem que a ideologia cristã, do pecado contra a natureza humana e vontade divina, encaminhava todos os homossexuais (sodomitas) para fora da salvação, desumanizando-os, lançando-os ao fogo do inferno como forma de purificação do corpo e salvação da alma. Para Richards, os termos “sodomitas” e “florentinos” são sinônimos de homossexuais, numa referência às cidades de Sodoma e Florença. A primeira delas, conforme vimos, originária do relato bíblico do livro de Gênesis; a segunda, considerada pior que a primeira, dada a quantidade de praticantes do pecado nefando e do vício sodomita na Itália do século XIV.

⁹ Vício sodomita é uma expressão negativa e pejorativa contra os homossexuais, numa referência ao relato bíblico do livro de Gênesis da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra. Desde a época da Patrística, a interpretação desse relato pela tradição cristã, afirma a destruição dessas cidades devido à prática “imoral” da homossexualidade. Pecado nefando significa pecado impronunciável.



Em contraste com a imagem de Richards, acima analisada, apresentamos agora uma segunda imagem. Trata-se na verdade de uma escultura do Museu Nacional de Cultura Prussiana (em Berlim) ¹⁰ publicizada por John Boswell (1981), outro historiador da homossexualidade. Nela, segundo Boswell, há sinais de uma homofilia latente entre o Cristo e o discípulo preferido, João. A imagem 2 sugere uma representação de uma amizade apaixonada que, de acordo com Boswell, era comum entre o clero monástico do medievo. O autor cita na legenda São Aelred of Rievaulx, um personagem do clero medieval, que se envolveu abertamente e sem nenhuma culpa em paixões e relacionamentos homossexuais e que passou à história da tradição eclesiástica como o defensor do amor cultivado através dos relacionamentos. Boswell é considerado o autor do tratado mais importante e polêmico em defesa da tolerância da cristandade frente à condição homossexual intitulado “Cristianismo, tolerância social e homossexualidade”. O argumento principal do autor: na Idade Média, após um período de tolerância, seguiu-se um período de perseguição e condenação de homossexuais à morte na fogueira. Na realidade o que Boswell quer provar é que a cristandade do medievo admitiu e tolerou a homossexualidade. Nesse aspecto Richards (1993) discorda de Boswell e afirma que essa mudança não se constituiu num deslocamento da tolerância para a intolerância, mas numa alteração nos meios de lidar com a homossexualidade. No período inicial da Idade Média, a punição era a penitência; no período posterior, a fogueira, ou seja, a cristandade no medievo sempre foi hostil aos atos homossexuais (RICHARDS, 1993, p. 152). O que a imagem 2, selecionada por Boswell, pretende transmitir, em contraste com a imagem 1, é uma ideologia de tolerância da cristandade à homossexualidade, que infelizmente, segundo outros historiadores, a exemplo de Richards, não se concretizou na Idade Média; e ainda continua, na atualidade, reproduzindo ideologias homofóbicas, provocando inúmeras dificuldades para a efetivação dos direitos e alicerçando obstáculos à construção política do cidadão, do sujeito de direito (BORRILLO, 2001, p. 15).

Entretanto, não foram somente autores estrangeiros que veicularam em seus escritos imagens sobre a homossexualidade vinculadas às ideologias homofóbicas. Também

¹⁰ Legenda da imagem 2, cf. Boswell (1981): Cristo e São João. Alemanha, século XVI. Esta muito sentimental representação de um Cristo velho e de um São João jovem é solidamente evocativa da tradição da amizade apaixonada comum entre o clero monástico da Idade Média e romantizada de início em escritores como São Aelred of Rievaulx. (Cortesia do Museu Nacional de Cultura Prussiana, Berlim).



encontramos autores brasileiros que incluíram em sua produção textos imagéticos sobre essa temática. A imagem 3, apresentada por João Silvério Trevisan (2007)¹¹ no livro “Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade”, vem comprovar essa afirmativa. Trata-se de uma imagem relacionada à ideologia homofóbica da contra-reforma católica no Brasil Colônia do século XVI. Da mesma forma que a primeira imagem que analisamos, a sodomia aparece na imagem 3 também associada à condenação dos homossexuais ao inferno. Nessa época, segundo Trevisan, o Brasil era visto como um paraíso e seus habitantes primitivos vivendo numa devassidão. Entre os primeiros donos da terra, a homossexualidade não era condenada, antes tolerada e praticada naturalmente, cumprindo uma função social, o que escandalizou o português invasor. Esse colonizador português e, posteriormente, os europeus viajantes naturalistas, que aqui aportaram, vieram, na sua maioria, acompanhados da ideologia homofóbica cristã do “pecado nefando” e do “vício sodomita”.

Não demorou muito para que a mais cruel instituição que a cristandade da contra-reforma inventou – a Inquisição¹² (imagem 4) – também aqui se instalasse com o objetivo de identificar e punir os sodomitas e praticantes do pecado nefando. É o que pode ser interpretado nessa imagem, incluída no livro do antropólogo Luiz Mott (2010, p. 17), decano e ativista do movimento gay brasileiro, na qual visualizamos o brasão do Santo Ofício da Inquisição de Portugal. Ao centro desse distintivo podem ser vistos o ramo de oliveira, símbolo da “Misericórdia” e a espada que simboliza a “Justiça”, que de acordo com Mott se constituiu no lema e carisma do Tribunal da Inquisição, fundado em Portugal em 1536, pelo rei D. João III. O autor de “Bahia: inquisição & sociedade” nos informa que a principal atribuição desse tribunal era perseguir as heresias do judaísmo, protestantismo, feitiçaria, e com o decorrer do tempo, da sodomia (MOTT, 2010, p.19). A ideologia homofóbica da Inquisição também destinava todos os homossexuais ao inferno.

¹¹ Legenda da imagem 3, cf. Trevisan (2007): O OLHAR ESTRANGEIRO – No imaginário europeu do século 16, um nativo é sodomizado e depois punido pelo demônio; possivelmente, a primeira representação de sodomia no Brasil. *Do acervo de Anna Maria Kieffer.*

¹² Legenda da imagem 4, cf. Mott (2010, p. 17): Brasão do Santo Ofício da Inquisição de Portugal: o ramo de oliveira representa a “Misericórdia” e a espada a “Justiça”, lema e carisma deste tribunal.



Com o desenvolvimento da ciência positivista, sobretudo da medicina legal e dos estudos psiquiátricos e endocrinologistas, o Brasil republicano de 1930 assiste uma nova ideologia homofóbica; e, agora, pelo viés da psiquiatria – de acordo com a imagem 5 selecionada por Trevisan (2007) – a homossexualidade é estigmatizada¹³. Daí em diante, às prisões dos pederastas, segue-se os tratamentos hormonais na tentativa de se corrigir pelas ciências médicas os desvios sexuais. A homossexualidade é vista como um “desvio” humano nessa ideologia da eugenia e o discurso médico associado diretamente à construção de um “país livre dos males sociais”, da sodomia, da pederastia, do homossexualismo. Portanto, essa ideologia da eugenia, em nome da ciência, rouba a cena da antiga ideologia do pecado nefando. Mas, o discurso da cristandade permanece homofóbico; agora sob nova roupagem e com o aval das ciências médicas. Para isso, também não faltaram, no Brasil de 1930, estudos médicos-legalistas realizados pelo Instituto de Criminologia de São Paulo; onde podiam ser estudados clinicamente os “doentes” homossexuais. Num caso de manipulação da homossexualidade pelo aparato jurídico-psiquiátrico, mencionado por Trevisan (2007, p.195-205), um personagem conhecido como Febrônio Índio do Brasil é vitimado. Sua homossexualidade é vista como um exemplo de “desvio moral” resultante do mau funcionamento glandular. Esse cidadão, Febrônio, chegou a ser internado no Manicômio Judiciário por mais de 50 anos. Com Febrônio Índio do Brasil, consolidava-se no Brasil a produção da homossexualidade enquanto doença; a fabricação do “louco moral” – na gíria carioca “febrônio” passou a ser empregado como sinônimo de homossexual. Na opinião de Trevisan (2007, p. 206), esse discurso médico homofóbico ocultava “a própria homossexualidade mal resolvida dos cientistas, em sentido lato, mas também muitas vezes estrito” (Trevisan, 2007, p.206). O que estava em jogo era a ideologia da degeneração, da anormalidade, da inferioridade homossexual. E as idéias da antropologia física, sobretudo da frenologia e dos estudos na área de criminologia dos italianos Cesare Lombroso e Enrico Ferri, são utilizadas para legitimar esse discurso homofóbico, uma vez que alguns caracteres físicos eram identitários de personalidades desviantes, de doentes sociais, de criminosos com características próprias e hereditárias.

¹³ Legenda da imagem 5, cf. Trevisan (2007): Na década de 1930, um grupo de psiquiatras e endocrinologistas brasileiros fazia “tratamentos hormonais”, para tentar corrigir experimentalmente o “desvio” homossexual humano. *Archivos de Medicina Legal e Identificação*.



James Green (2000, p. 203), também afirma que o discurso médico apoiado na antropologia física (estudo antropométrico) era parte do aparato científico dessa ideologia homofóbica. Estudos antropométricos foram realizados em homossexuais com aspectos femininos (imagem 6)¹⁴. Da mesma forma, a ilustração (imagem 7), selecionada por Trevisan (2007), representa esse período¹⁵: Os homossexuais, conhecidos por Zazá e Tabu, são estudados clinicamente no Instituto de Criminologia de São Paulo na década de 1930; a ideologia da homossexualidade como patologia, a partir daí, já estava definitivamente consolidada; legitimada nas idéias dos italianos Lombroso e Ferri; da antropologia criminal que associava a marginalidade ao mundo do crime. O confinamento psiquiátrico-policial como punição à homossexualidade “ocorreria de um modo geral e preventivamente, antes que se produza o crime. De modo que, segundo tal raciocínio, ser homossexual significaria automaticamente ser criminoso” (TREVISAN, 2007, p.192).

Mas, as ideologias homofóbicas não pararam por aí. Da ideologia da criminalização e marginalização dos homossexuais à ideologia “dos homossexuais pior que os marginais”, demoraram apenas algumas décadas. Uma nova forma de ideologia homofóbica é inventada. Desta vez, se legitimando no chamado “câncer gay”, como ficou conhecida em nosso país a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) no final dos anos 80 do século XX. Essa homofobia do câncer gay, associou a doença sexual da Aids à homossexualidade e promoveu uma desumanização intencional dos homossexuais, que passaram nessa época a ser vistos “ainda mais perigosos e marginais” (Imagem 8)¹⁶.

¹⁴ Legenda da imagem 6, cf. Green (2000, p. 203): Estudo antropométrico de homossexuais “com aspectos femininos”. Extraído de Ribeiro, *Homossexualismo e endocrinologia*, 1932, p. 104-5.

¹⁵ Legenda da imagem 7, cf. Trevisan (2007): “Eu sou Zazá das noites quentes e frias desta Paulicéia querida”: Os pederastas Zazá (*à esquerda*) e Tabu, estudados clinicamente por alunos do Instituto de Criminologia de São Paulo, na década de 1930. *Revista Arquivo de Identificação e Polícia*.

¹⁶ Legenda utilizada da imagem 8, cf. Trevisan (2007): Na esteira da Aids: mais do que um simples vírus, chega ao Brasil a doença social da Aids...que faz recrudescer a homofobia: homossexuais são ainda mais perigosos e marginais. *Fotos cedidas pela Associação da Parada Orgulho GLBT de São Paulo*.



CONCLUSÕES

Houve um tempo em que a sexualidade era pensada apenas em termos reprodutivos; a sexualidade legitimamente aceita era somente a considerada “normal” pela rigidez do binômio macho-fêmea. Vimos que, nessa época, a misoginia e a o sexismo se apresentavam como ideologias que obedeciam a uma lógica hegemônica e excludente; alicerçada numa religiosidade da cristandade que condenava o “vício sodomita”, “pecado nefando” ou “pecado contra a natureza”. Quando, enfim, a modernidade foi inaugurada, essa ideologia do pecado nefando foi abalada e o cristianismo procurou apoio nos discursos científicos – patologizantes e sanitaristas das teorias sexológicas iniciais, da incompletude e dos distúrbios de personalidade (psicologia), da inferioridade racial e degeneração das culturas (antropologia), da eugenia (médico-legalista ou jurídico-policia).

Em todos esses discursos homofóbicos havia um ponto em comum: a negação daquelas pessoas que discordavam do modelo heterossexista hegemônico. Foram esses discursos científicos que excluíram outras formas de sexualidade consideradas desviantes, anormais, imorais, perigosas; uma vez que no modelo hegemônico de supremacia do macho, não há lugar para qualquer outra forma de orientação sexual que não seja a considerada normal e legítima – a heterossexualidade.

É nesse contexto, conforme vimos, a partir de alguns fragmentos da história da homossexualidade visualizados em imagens, que homossexuais foram levados à fogueira na época da inquisição (MOTT, 2010), sob o rótulo de bruxos, hereges, homossexuais, leprosos (RICHARDS, 1983); ou, na Modernidade, inclusive no Brasil republicano dos anos 20 e 30, quando foram presos, levados ao confinamento psiquiátrico-policia, submetidos a estudos médicos-legalistas, a terapias, tratamentos de choque e hormonais (GREEN, 2000; TREVISAN, 2007), e até mesmo, exterminados em campos de concentração europeus durante o nazismo hitleriano – o caso de judeus e homossexuais (BORRILLO, 2001).

Felizmente, após tantos séculos de imagens e ideologias, em sua maioria, homofóbicas e necessárias ao processo social da exteriorização, objetivação e interiorização dessas ideologias, no dizer de Peter Berger (2009, p. 16), chegou o tempo em que a homossexualidade começou a ser tratada de forma não estigmatizada. É nesse novo tempo que moralistas cristãos estão ousando derrubar essas ideologias e propondo que os



homossexuais-cristãos abandonem a culpa do “pecado nefando” e do “vício sodomita”, o estigma da doença e da marginalização, e iniciem um novo processo, também dialético, ideológico e não homofóbico, de busca da felicidade e da vida espiritual.

A partir de agora, já podemos – todos os gays e lésbicas – finalmente afirmar que essa nova era está sendo inaugurada; e nela, a homossexualidade anunciada por teólogos, de posição renovada, a exemplo de James L. Empereur (2006). A partir daí, e de acordo com posturas do tipo *aggiornata* ou revisionista¹⁷ de moralistas católicos, a homossexualidade pode e deve ser vista como um dos dons mais significativos de Deus para a humanidade. Uma nova época está surgindo; época na qual a homossexualidade é vista como parte integrante do plano de Deus; como uma forma sublime d’Ele mostrar a sua infinitude. É época em que cristãos-gays podem sem nenhuma culpa vivenciar a sua espiritualidade, em comunhão com o Deus criador de todas as coisas, inclusive da diversidade. É época na qual “todos os humanos recebem suas graças especiais do Criador”... É época que “Ele escolheu que alguns fossem gays ou lésbicas como uma maneira de revelar algo a respeito de Sua identidade que os heterossexuais não revelam” (EMPEREUR, 2006, p. 1).

É nessa época que, finalmente, os cristãos-gays podem repudiar as antigas ideologias homofóbicas associadas à cristandade, e celebrar, inclusive, a existência dos seus santos, a exemplo, de São Sebastião (imagem 9)¹⁸, que acabou sendo adotado pelos gays do mundo inteiro como “santo padroeiro dos gays”. Mas isso já é assunto para outro artigo.

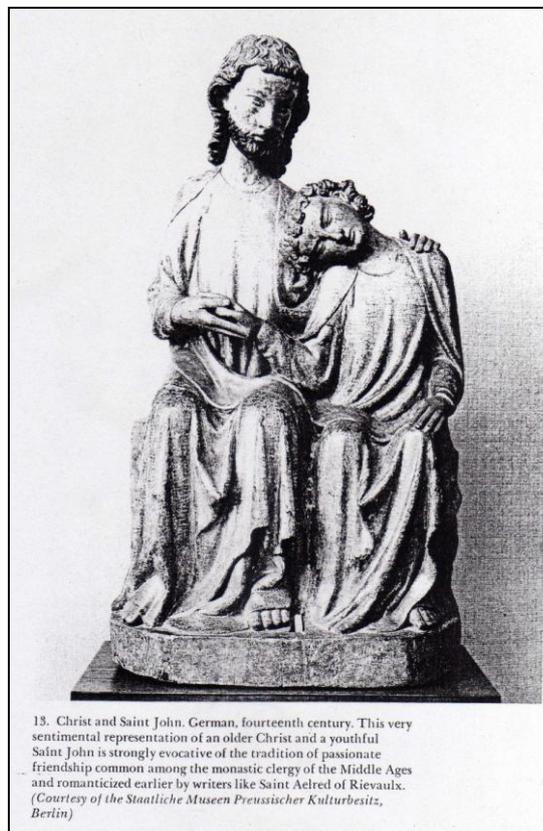
¹⁷ De acordo com Vidal (2009, p. 176), a posição que os moralistas católicos recentemente adotam, ao tratar a relação do cristianismo com a homossexualidade pode ser agrupada em três posturas tipológicas: 1) os que repetem a doutrina católica oficial, algumas vezes com expressões mais duras que as atualizadas pelo próprio magistério católico e sem enfatizar os matizes por ele apresentados; 2) aqueles que, em princípio, mantendo a avaliação negativa, procuram solucionar as situações concretas com misericórdia pastoral e abertura de pensamento. Essa postura *aggiornata* é sustentada pelos moralistas sensíveis aos dados da psicologia (A. Overing, G. Kempe, J. Vermeulen, H. Ruygers, M. Oraison etc.), às urgências pastorais (G. Hamaieer, R. W. Gleason etc.), e às contribuições personalistas da cultura atual (F. Bockle, L. Rossi, B. Häring, D. Fassnacht etc.); 3) também há moralistas católicos que adotam uma postura moral “revisionista”, optando por uma reproposição radical do tema (Herman van Spijker, John McNeill, A. Kosnick e outros).

¹⁸ São Sebastião, santo padroeiro dos gays. Cf. < <http://www.midiaindependente.org> > Acesso: 03 de Nov.2010.

IMAGEM 1 – RICHARDS (1993):



IMAGEM 2 – BOSWELL (1980):



13. Cristo e São João. Alemanha, século XVI. Esta muito sentimental representação de um Cristo velho e de um São João jovem é solidamente evocativa da tradição da amizade apaixonada comum entre o clero monástico da Idade Média e romantizada de início por escritores como São Aelred of Rievaulx. (Cortesia do Museu Nacional de Cultura Prussiana, Berlim)

IMAGEM 3 – TREVISAN (2007):

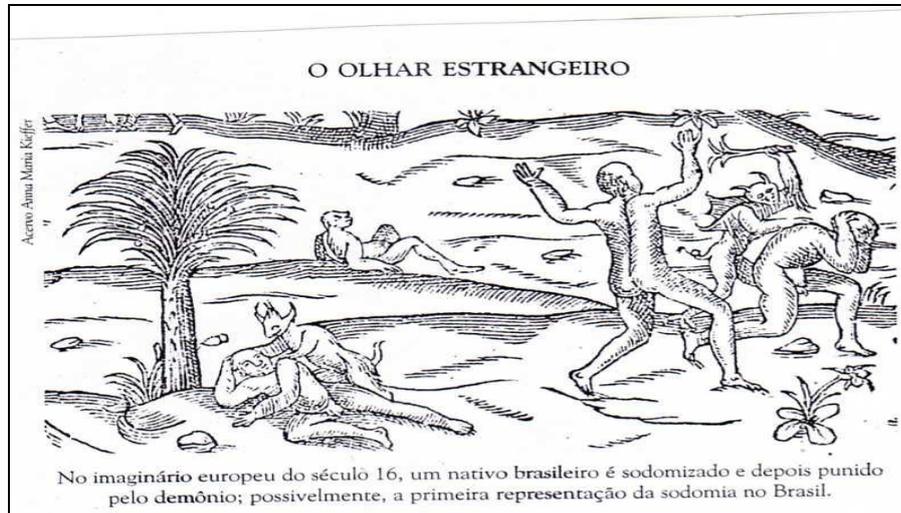


IMAGEM 4 – MOTT (2010, p.17):



Brasão do Santo Ofício da Inquisição de Portugal: o ramo de oliveira representa a "Misericórdia" e a espada a "Justiça", lema e carisma deste Tribunal.

IMAGEM 5 - TREVISAN (2007):

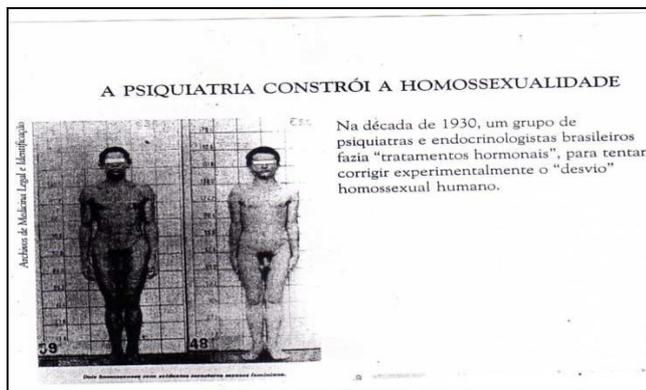


IMAGEM 6 – GREEN (2000, p. 203):

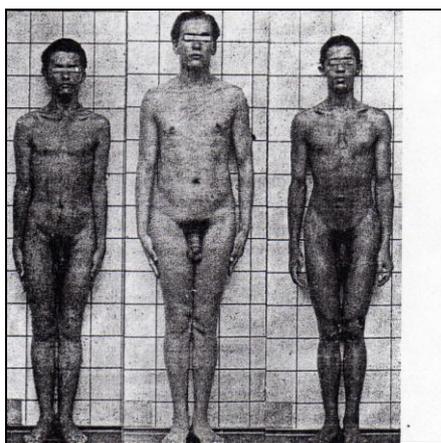


FIGURA 9 – Estudo antropométrico de homossexuais “com aspectos femininos”. Extraído de Ribeiro, *Homossexualismo e endocrinologia*, 1932, p. 104-5.

IMAGEM 7 – TREVISAN (2007):



IMAGEM 8 – TREVISAN (2007):

SINAIS EXPLÍCITOS DE HOMOFOBIA



IMAGEM 9 – SÃO SEBASTIÃO, O SANTO PADROEIRO DOS GAYS.



(São Sebastião, por Botticelli)



REFERÊNCIAS

- ALISON, James. **Fé além do ressentimento**: fragmentos católicos em voz gay. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2009.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Bellaterra, 2001.
- BOSWELL, John. **Christianity, social tolerance and homosexuality**: Gay People in Western Europe from the beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century. Chicago, 1981.
- DIA DE SÃO SEBASTIÃO, patrono dos gays. Disponível em: < <http://www.midiaindependente.org>>
Acesso: 03 de Nov.2010.
- DOWLEY, Tim. **Os cristãos**: uma história ilustrada. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- EMPEREUR, James L. **Direção espiritual e homossexualidade**. São Paulo: Loyola, 2006.
- GONZALEZ, Justo. **E até os confins da terra**: uma história ilustrada do cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2008. v. 2.
- GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Moraes editora, 2000.
- MOTT, Luiz. **Bahia**: inquisição & sociedade. Salvador: EDUFBA, 2010.
- RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- VIDAL, Marciano. **Sexualidade e condição homossexual na moral cristã**. São Paulo: Editora Santuário, 2009.